

III PARTE
ATOS UNIVERSITÁRIOS

POSSE DO CATEDRÁTICO

de "ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO-PRÁTICA PROFISSIONAL" em sessão solene da Congregação, realizada aos 14 de novembro de 1955.

Discurso de recepção do

professor *JAYME CUNHA DA GAMA E ABREU*

Magnifico Reitor da Universidade da Bahia,
Dignissimas autoridades presentes e representadas,
Colenda Congregação da Universidade da Bahia,
Senhor Diretor,
Minhas Senhoras,
QUERIDOS ALUNOS
Senhores.

Houve alguém que me bateu no ombro e perguntou:

“E’ porventura, já, a fase do descanso?... então!... SIMAS espera e confia. Está bem?”

E eu, que me sentara á beira da estrada da VIDA, no tronco carcomido dos meus sonhos, olhando a Vida passar enquanto por mim não passasse a própria Vida,

olhando de memória as auroras que iluminaram alacridades de criança e estouvamentos de jovens, até que o sol a pino viesse tirar chispas de prata das cans que despontavam e, hoje, ao poente, mal me consentisse lêr o que dizem tantas louzas em que se escreveram epitáfios,

então eu, que sentia a fadiga do muito caminhar em vão, rumo certo, é verdade, vendo, porém, que de mim se afastava a meta quanto mais para ela progredia,

só porque disséstes: “levanta-te!” “Olha o passado, se quizeres, mas fala do presente”,

eu, que já não sei falar a linguagem que se fala agora e que não entendo os desentendimentos de uma era em que não sou mais entendido, eu me levantei e vim.

Agora me defronto com a imagem rediviva do que é hoje SAUDADE,...uma grande Saudade!

e soam em minha mente, como há doze anos, estas perguntas conturbadoras:

“Porque será que a fatalidade louca se compraz em desferir seus golpes, ás súbitas, justamente sobre aquêles “que mais falta fazem?”

“Porque será que quem aspira á felicidade coletiva e

“trabalha a vida inteira para arrancar de um sonho os flúidos que quer tangíveis em uma realidade bemfazeja, “é esse mesmo que adormece de repente em sono de que “se não logra despertar?”

“E porque será que o nulo, o egoísta, o destruidor e o “cínico, o vaidoso, o hipócrita e o máu conseguem fazer “rolar o peso de suas qualidades constrictoras e negativas “sobre a HUMANIDADE que os cerca, sem que o tempo “pareça mover-se, tão demorada e constante é a ação “nefasta dêles?”

“Será porque o HOMEM não pode, de outro Homem, receber “ensinamentos do BEM, e que só o MAL perdura?”

“e que, para êste, (o MAL), “CHRONOS” estaciona até “que veja pingar a última das gotas de cáustico ou de “Venêno pelas quais hão que ser espalhados os sofrimentos “e as dôres?”

Pergunto isto, porque essa GRANDE SAUDADE aqui devera estar a falar-vos. Não eu. Deveria ser aquêle que, dia a dia, mais perdemos de vista pelo adensamento das névoas que o PASSADO, cada vêz mais pretérito, acumula. Para mim, entretanto, renasce, todavia, agora, mais *feliz* em cada uma das obras ímpares que dêle foram e mais *familiar* nesta casa, porque, por valor próprio, nela ingressa aquêle que lhe perpetua o nome aureolado.

Ao escrever o que idês ouvir eu tinha a torturante sensação de ocupar o posto que a outro cabia por direito, mas no qual me colocaram aquêles que sabem, sem a mínima sombra de dúvida, que eu, que a êle sempre tive como MESTRE, sem nunca dêle haver sido ALUNO, não iria mentir nem aos propositos nem á eloquência de um pae.

Porque eu acho: a primeira invocação que deveria partir dos meus lábios tinha de ser a que tem a sacrossanta expressão de uma ternura máxima: MEU FILHO!

AMÉRICO FURTADO DE SIMAS FILHO:

Dentro de trinta meses, trinta anos serão volvidos sobre uma cerimônia em que figurei, não para saudar, como hoje o faço, mas para que clamasse para o alto e para sempre o máximo de minha alegria na alegria maior de toda a minha vida.

Como tu agora, nêsse dia eu tinha, enfim, a suprema aspiração, porque, sem o saber, sem o sentir, realizava o que RAUL de LEONI cantava no desalento de seus quatorze versos:

“o Homem desperta e sai, cada alvorada,
“para o acaso das coisas. E, á saída,
“leva uma crença vaga, indefinida,
“de achar o IDEAL nalguma encruzilhada.”

Saias do lar santo, em que fôras creado, para as duras atividades de Engenheiro-Pobre e que confia em sí. Formado em 1938, o ano da segunda guerra mundial já te encontrou lutando. Da primeira haviam decorrido escassos 22 meses, até êsse 2 de junho de 16, quando feliz consorcio de D. RACHEL BOMPET SIMAS e AMERICO FURTADO DE SIMAS, se enriqueceu de mais um filho, que recebeu, para o mundo, o nome evocativo de descobridor pertinaz, AMERICO. Nesse momento, do outro lado do mar, a grande ofensiva russa sobre o exército austriaco, desde os pântanos de PRIPET até a fronteira rumêna, se desencadeava; e começava a entrar para a epopeia a primeira gloriosa resistência de VERDUN que PÉTAIN gravou para a História no brado decidido e enérgico de “*on ne passe pas!*”

Tu pertences, portanto, á geração de entre duas guerras. Deixa que te diga o que foi aquela que te precedeu:

Um dia, o 3 de Agosto de 1914 para a FRANÇA, três Imperadores, o Russo, o Alemão e o Austriaco, decidiram que se matassem os homens uns aos outros. Havia começado por paradas militares acariciadoras da vaidade pelo aparato de que se revestiam. E levas de fanáticos, irmanados em um frémito de anciedade, só imaginavam, VENCER! A MORTE, *que não se via*, ficava á margem. Por uma corrida de entusiasmados jovens, quasi crianças ainda, começou a matança-Felizes, no entanto, os que *morreram logo*, aos primeiros embates trepidan-

tes de movimento onde o heroísmo mavórtico era a mais elementar ação de combater. Felizes êsses, porque *viram a MORTE na ocasião de morrer*.

Mas houve um momento em que êsse rebanho tão reduzido já precisava ser poupado. A "*chair á canon*" escaceava. E começaram a poupa-la.

Era a "guerra-de-trincheiras". As ações tornaram-se metódicas; os movimentos pensados. O heroísmo, então, adquiriu a feição vulgar, barata, da produção estandartizada.

O zumbido de uma bala era uma vida em perigo; o silvo do "schapnell", um risco a dezenas delas; aos estrondos de cada bomba, milhares eram cortadas. A intervalos, o preparo para assaltos contra arames que pinçavam sêres humanos como insetos, para que metralhadoras os crivassem de "balas humanitárias". Depois, as minas que atiram, nas explosões catastróficas, sêres aos milhares para a paz da eternidade.

Era a VIDA mantida num contínuo sobressalto, ao menor frêmito do ar, na expectativa angustiada das ordens para o suicídio coletivo das cargas de baioneta; nas vibrações espaçadas com cautela em um solo que se minava;

era a VIDA que os sentidos todos percebiam com a consciência nítida de que iria deixa-los e que só um milagre conservava;

era a VIDA, que, a todo instante, vinha á mente a tiritar, num adeus de despedida e que, DESTINO ou IRRISÃO, não se resolvia a partir.

Por cinco anos, milhões de homens tiveram em alerta de todos os momentos o instinto mais poderoso do ser que vive, o de *conservação*. A MORTE vinha até junto. Arripiava-lhes a epiderme em angústia estertorante. Gelava-os. Ria. Deixava-os vivos. E passava ao companheiro.

Nesta ciranda sinistra, um minuto via a MORTE mil vêzes. E a agonia de esperar de novo — "logo mais"!! — era um morrer repetido.

Tirai dos covis milhares dêsses *farrapos-homens* e dizei-lhes: "acabou-se"! Não vos compreenderão. Porque vós não compreendeis quanto sofreram!!

O IDEAL que defendiam fez-se vazio de significação. O hábito de defendê-lo tornou-o trivial... e matou-o, porque todos os IDEAIS morreram quando o HÁBITO nasceu...

Incapazes de SONHAR, aspiravam EXPERIMENTAR. Sem norte, porque *sem rumo definido*, êsses que saíram das trincheiras com as almas mumificações em corpos descalibrados, traziam a vida como um fardo que a MORTE não quiz e que êles não sabiam que destino dar!

Ao lado dêstes os que atiraram, aos milhões, á luta carniceira e que ficaram á margem. A êstes, o coração que fre-mira ante a sangueira caudalosa, não iria tremer diante da eliminação a sangue frio da rez já resignada de ante-mão, porque via no matadouro o que lhe estava faltando ao problêma da existência: a SOLUÇÃO.

Como se iriam harmonizar: de um lado a imperiosa necessidade de "vêr-novo", tendo em si o cansaço prévio ante a obrigação de atender á "novidade", para os que tinham tido tantas sensações de morrer quantos tinham sido os minutos que tinham tido de vida nas trincheiras; e, do outro lado, a existência dos homens que colocaram a *ambição* no lugar da *alma*? Esta harmonia só foi possível gerando monstruosidades para uma Civilização que acabava de abolir — dizia-se escravaturas:

Nasceram os "REGIMENS DE FORÇA".

Os CANÇADOS nem sequer energias tinham para si; como, pois, desperdiça-la em governar o semelhante? Os que tinham a AMBIÇÃO no lugar da ALMA mascararam o PODER DISCRECIONÁRIO com o eufemismo fantaziôso e bem-soante de "estado-novo", com todos os "ismos" que, então, surgiram.

A "*fadiga da vontade*" é o germen da DESPERSONALIZAÇÃO. Existindo esta, os regimens-de força vingam. O INDIVÍDUO, entidade REAL, desaparece ante ess'outra entidade ABSTRATA que é o ESTADO.

Mais tarde, a geração que não tinha vivido a morte multi-forme e omnipresente das trincheiras, mas que recebera (ao gerar-se ou ao crear-se) o venêno do desânimo, aceitava o do-

minio das “ditaduras”, mais pela *inibição da vontade* do que pelo *desfibramento do caráter*. Continuava a ser uma geração de CANÇADOS.

Mas nós, nós, os brasileiros, que não conhecemos os infernos das trincheiras, onde havia dezenas de ressurreições para cada vida ceifada? e não tivemos uma geração formada pelos que escaparam a essas mortes repetidas? Nós tivemos a praga dos demagôgos que apontavam como contingência fatal o ESTADO SEM PROTESTOS em que, dizia-se, tinham que viver, de ora em diante, os povos que se queria agissem como autómatos.

A minha geração que conhecera o mais republicano dos monarcas, o nosso PEDRO II, que sabia porque e como morrera SALDANHA á frente de seus queridos guarda-marinhas em Campo OZÓRIO, que idolatrou RIO BRANCO e admirou NILO PEÇANHA, (o Presidente que fôra entregador de leite em Campos), a minha geração não compreendia a geração que a DEMAGOGIA explorava.

Por esta altura eras ainda o AMERICO em diminutivo e que estudava, sizudo, no colégio do nosso querido Professor SEBASTIÃO CAMPOS e, ahi, levava a fama das traquinadas irreverente do irmão CARLINHOS. Aluno distinto do Ginásio da Bahia, ao tempo severo do Tosta Filho, tiveste, então, o teu primeiro amor incontrolável. Chamava-se ela, como di-rei? “CULTURA FÍSICA” e tu foste o terror dos “teams” de “basket-ball” adversários do teu. No “foot-ball”, as tuas já claramente definidas ponderações, calma e espirito de ordem só podiam dar um lugar de pouca agitação e muita vigilância: “goal-keeper”. E que goleiro!...

No então feliz Brazil de libra de dezesseis mil réis, a terceira década do século começava. E a segunda campanha civilista arregimentava entusiasmos. NILO-SEABRA, “*democracia*”; do outro lado aquilo que a nossa mania de falar por eufemismos convencionou que se chamasse de *política*.

A “política” venceu e venceu, com ela, a INTOLERÂNCIA e campeou por longos anos.

Instituiu-se a delação como meio de ganharem-se uns mil réis. E as prisões, as “geladeiras”, os presídios e quiçá os cemitérios enchiam-se na razão inversa das arcas do Tesouro.

A Nação asfiziada, anciava . . .

Nas cidades, hipotéticas subversões da ordem explicavam gastos nababescos,

vinganças torpes, vís, contra quantos traziam, na nobresa das atitudes, motivos de inveja e preocupação á vontade do tirano,

e a volúpia da subserviência com que gozam os que teem alma de escravos.

Nos campos, nos sertões, cavalgadas delirantes como protestos, davam resultados políticos inócuos, porém de vidas nobres perdidas. Do delírio das aclamações da mocidade das escolas e do espanto abobalhado do caipira surgiu — quem tal diria? — a abnegação de idealistas capazes de lutar pelo bem público, mêsmo com o perigo da vida.

Tu estás vendo quanta razão eu tinha de repetir com o poeta:

“As horas morrem sobre as horas . . . Nada!

“E, ao Poente, o Homem, com a sombra recolhida,

“Volta, pensando: “se o Ideal da vida

“Não veio hoje, virá noutra jornada.”

O IDEAL da vida tranquila, que a minha infância conheceu, a 1ª *grande guerra* levou. O IDEAL da minha *Pátria grande e respeitada*, que RIO BRANCO encarnou, o FEVE-REIRO de 1912 matou. A revolução de 30 gerou o “getulismo” que nos envergonha e degrada.

Nessa data, eu quasi acreditei na amargura do primeiro terceto:

“Hontem, hoje, amanhã, depois . . . E, assim,

“Mais êle avança, mais distante é o fim,

“Mais se afasta o horizonte pela esféra.

Tu ingressavas, então, na nossa gloriosa e idolatrada Politécnica. De 34 a 38, o curso e o propósito firme de continuar a tradição de aluno singular. Que o digam a distinção em Construção-Civil e Arquitetura, repetida (porque não existia grau onze), em Higiêne e Traçado das Cidades.

Depois, a vida profissional: especificações para residências particulares ou em prédios de apartamentos e construções comerciais e para indústrias, orçamentos e, concomitantemente, a administração e fiscalização, são soberbos atestados do valor que lhes deste e cujo exito coroou-te a vida de trabalhador metódico e infatigável.

Foram sete anos de labôr insano e que te conduziram á direção que ha dez anos exerces.

As qualidades marcantes: decisão, calma, pertinácia e ponderação, tinha que projetar-se além do círculo de doutrinação que é a tua admirável loja "ALCYONE". A mais soberba das filosofias enlaça a mais humana das religiões na sublimidade da "THEOSOPHIA", a Ciência da divindade na sabedoria de Deus. Eu diria que é a Religião da BONDADÉ e da PAZ. Só assim se pode compreender que alguém, que sabe que vai morrer, tão serenamente se despeça dos vivos; êsse que foi a BONDADÉ SUBLIMADA resou assim:

"Nada que pertube. Nada que espante!"

"Tudo passa... Só DEUS não muda."

"A paciência tudo alcança..."

"A quem tem DEUS, nada lhe falta!"

"Só DEUS basta!"

Acabaste, por fim por atender a teu mano. Carlos, êsse teu irmão querido, venceu-te a resistência e a tua capacidade de doutrinação deixou as parêdes sagradas do teu Templo, para alegria nossa e bem da nossa Escola.

Enquanto êsse 15 de Março de 51 não te levava á Cátedra, por contrato, a tua atividade técnica extravazava do âmbito das realizações construtivas. O que havias escrito, passou das folhas de papel para as páginas de livros.

"Planejamento para Utilização da Energia Hidro-eletrica"

"Estudos para fornecimento de Energia de Paulo-Afonso"

"Ângulos do Problema da habitação Popular em Salvador"
e as duas admiráveis teses de concurso:

"Aspetos da Organização do Trabalho e sua influência no Planejamento Urbano e Rural"

"Introdução ao estudo do Arquitecto na Civilização Ocidental"

As publicações em periódicos levariam horas para serem citadas simplesmente, sem comentários. Do valor delas basta que diga o fato realmente invulgar e altamente significativo de seres convocado á presença da Assembleia Legislativa do Estado.

Eis-te, então, PROFESSOR.

Quantas vêzes o disse... Ouve-me de novo:

“Ser Professor é ser PROMETHEU

“E’ ter a audácia de escalar os ceus na loucura de uma
“convicção e escala-los apoiado na CIÊNCIA, guiado pela
“INTELIGÊNCIA, para ter como prêmio a *cólera dos deu-*
“*ses*; e viver acorrentado ao CAUCASO da *rotina* pelos gri-
“lhões dos *preconceitos*.

“E ter a corvejar-lhe o flanco o abutre multiforme do
“ERRO e, apesar disto, persistir na loucura.

“Mas em troca?

“Apenas a obrigação de ser cumprida

A ORDEM DA CONSCIÊNCIA NA CONSCIÊNCIA DA
ORDEM

“e, a isto, chama-se DEVER!

Chegamos ao fecho do soneto:

“E a Vida passa, efémera e vasia:

“Um adiamento eterno que se espera

“Numa eterna esperança que se adia!

De 30 a 55, nos vinte e cinco anos que fizeram de ti o que hoje és, numa ascensão continua a que apenas teus méritos te foram elevando, que houve, então, para nós dois, para mim que também tive assumções progressivas e honrosas? Porque tu chegas com um cántico de glória? E eu? Porque aqui estou salmodiando preces que teem muito daquelas que se resam por finados?

E’ que o meu IDEAL — tal qual o teu! — era o de que TODOS OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS, pelo exemplo e pela doutrinação, levassem a MOCIDADE a levantar a PATRIA do atascadeiro em que a vêem atolando os proxenetas que lhe mercadejam os haveres e os dotes. E essa MOCIDADE, mercê de DEUS, que nos ouviu, fez a *frofissão-de-fé* que foi a minha na Aula-inaugural de 32:

“Sacerdocio do mais belo, do mais esplêndido culto, temos
“a Engenharia num templo: que a Engenharia é a VER-
“DADE.”

“Em nome desta VERDADE é que me atrevo a falar-vos,
“a quantos sois Engenheiros, em firmesa de atitudes cívicas de-
“corrente de uma firmesa de princípios. O poder dos mandões
“ nos deixa impávidos; as ações nobres comovem-nos. O
“Engenheiro, *que o é*, nunca se dobrará aos pés de alguém por
“vassalagem, mas pode beijar a mão, se a gratidão o impelir.”

“A parolagem cintilante e vã dos políticos proxenetas que
“mercadejam a PÁTRIA causa-nos asco: *é falsa*. Os anceios
“da alma popular que sofre encontram éco em nosso peito: é
“*que não mentem*.”

“Podem os míopes, que se guiam mais pelo ouvido, ir de
“embolada ao som dos cantos de sereia dos aproveitadores do
“momento. Nós, a quem a Engenharia ensinou a vêr nas trevas,
“não podemos ser êsses carneiros de Panúrgio que a flauta
“diabólica dos cínicos arremessa, inconscientes, nos atascadei-
“ros da politiquice.”

Mas essa MOCIDADE não bastou para salvar a PÁTRIA e
leva-la ao caminho da DIGNIDADE e da HONRA, que se re-
flete no respeito por parte das demais Nações civilizadas.

Eu tenho mêdo de ter contribuído para que êsses para quem
apelei pela palavra e pelo exemplo não estejam a meditar com
amargôr nestas frases doloridas que VARGAS VILLA rugiu
num ímpeto incoercível de revolta:

“A PÁTRIA não se escolhe; aceita-se.

“Como não podemos, com honra, buscar outra, hemos
que suporta-la com coragem.

“Certas almas poem tanta abnegação em lhes ser fiel,
quanto outras em defendê-la. . .

“Viver nela seria um sacrificio maior do que por ela dar a
vida:”

Mas, diante de ti que confiaste em mim, para a investidura
máxima de uma cátedra — galardão melhor de tua Ciência
e do teu mérito—, eu volto aos meus tempos de hontem.

A PÁTRIA exige que se não deserte da luta que lhe res-
tituirá HONRA, DIGNIDADE, ABASTANÇA.

E' que tu tens diante de ti outras tres décadas! Mas eu...

Que o salmodiar quasi envergonhado do que já tem dificuldade em crêr nos Homens, seja, em ti, o cántico dos que vencem SO' POR TER FE'. Por tua causa, portanto, eu quero ainda, em minha vida,

"...á alvorada,

"levar a crença vaga, indefinida...

"de achar outro IDEAL nalguma encruzilhada."

Mas só têm FE' NOS HOMENS o que fôr FELIZ.

Sejam minhas últimas palavras, pois, as que, espiritualmente, eu coloquei no princípio deste abraço.

Sê benvindo entre nós!

E, para que sejam felizes as gerações que hão de dizer de ti:

ÊLE FOI MEU MESTRE,

sê feliz, MEU FILHO!

Salvador (Bahia), 14 de Novembro de 1955.

Jayme Cunha da Gama e Abreu.